

RECURSOS PEDAGÓGICOS EM LIVROS DIDÁTICOS DE LITERATURA NO ENSINO MÉDIO: UMA ANÁLISE DE ATIVIDADES PARA LEITURA

Jéssica Casarin¹

Luana Teixeira Porto²

RESUMO

Este artigo aborda o ensino de literatura brasileira no Ensino Médio e discute a necessidade de analisar os materiais didáticos dessa disciplina. Objetivamos refletir sobre os recursos pedagógicos dos livros didáticos disponibilizados pelo PNLD a escolas públicas brasileiras adotados nas aulas de literatura e discutir sua contribuição para formação leitora. Para isso, construiu-se um suporte crítico amparado em trabalhos de autores como Luft (2014), Cabral (2008) e Sousa (2006), que refletem sobre aspectos do ensino de literatura. Através de análise comparativa, concluiu-se que, apesar desses materiais demonstrarem preocupação com práticas de leitura de literatura contextualizadas e com intertextualidade, ainda há carências nas proposições de leitura para formação de leitor proficiente de texto literário.

Palavras-chave: Literatura. Ensino Médio. Livro didático. PNLD.

ABSTRACT

This article discusses the Brazilian literature teaching in high school and discusses the need to analyze teaching materials that disciplina. Objectives to reflect on pedagogical resources textbooks provided by PNLD public schools brasileiras adotados nas literature classes and discuss their contribution to reader training. For this, built up a critical support supported in works of authors like Luft (2014), Cabral (2008) and Sousa (2006), which reflect on aspects of the teaching of literature. Through the comparative analysis, it was concluded that although these materials demonstrate concern contextualized reading literature and intertextuality practice, there are still deficiencies in reading proposals for proficient reader formation of literary texts.

Key-words: Literature. High School. Textbook. PNLD.

1. INTRODUÇÃO

Nesse trabalho, busca-se desenvolver reflexões e questionamentos a respeito da Literatura, tão necessária na construção de sujeitos autônomos. A disciplina enfrenta grandes problemas em sua prática no contexto atual da Educação Brasileira, além de

¹ Aluna do Curso de Graduação em Letras- Língua Portuguesa na Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – URI, bolsista de pesquisa FAPERGS.

² Doutora em Letras.

receber pouco tempo para ser explorada na sala de aula e sofrer a pressão de “aprendizagem para vestibulares”. Soma-se a isso, a falta de uma formação proficiente por parte dos docentes para a prática de análise e interpretação da literatura no Ensino Médio e a tendência de um estudo direcionado especialmente à história da literatura, com separações escolásticas e períodos. Nesse contexto, o manual didático, que foi criado para ser um material de apoio à atuação docente, passa a dirigir a prática do professor, indicando o que deve ser ensinado, que autores devem ser conhecidos e que textos devem ser lidos.

Considerando a vasta utilização desse material, é importante analisar livros didáticos oferecidos pelo PNLD, Programa Nacional do Livro Didático, um programa federal de distribuição de livros didáticos às escolas públicas que ocorre a cada três anos, a fim de verificar as fragilidades e potencialidades das atividades propostas no material para a formação do leitor e a compreensão do texto literário, e do material de apoio direcionado a prática do professor. Nesse sentido, compreender qual a contribuição das atividades propostas na construção de leitores conscientes, críticos e construtores de seu próprio conhecimento, se são objetos de reflexão e se oportunizam um contato efetivo com o texto literário é também de grande valia. Para isso, foram analisadas duas coleções de livros didáticos provenientes do PNLD 2012-2014 e 2015-2017.

Com o intuito de investigar esse contexto de aula de literatura e materiais didáticos utilizados em seu andamento, inicia-se este artigo, abordando-se a literatura na escola e o livro didático, que contempla desde a importância da leitura, da situação atual da disciplina, bem como a necessidade de um docente com boa formação, até a discussão sobre o livro didático, suas limitações e qualidades. Após, na seção “Interpretação do texto literário: uma análise das proposições de atividades em livros didáticos do PNLD”, as reflexões serão direcionadas às análises realizadas em livros didáticos utilizados pelas escolas públicas brasileiras, com juízos de valor, gráficos e comentários que indicam haver potencialidades e também limitações na apresentação desses recursos pedagógicos para o tratamento da disciplina de literatura no Ensino Médio. Finalmente, um apurado de conclusões procura registrar a discussão proposta neste estudo.

2. LITERATURA NA ESCOLA E LIVRO DIDÁTICO

A leitura é um dos maiores fatores de capacitação profissional e humana, contribui para a ampliação do conhecimento sobre a cultura local e universal e para o desenvolvimento da cidadania, podendo resultar num processo de inclusão e construção identitária, argumenta Silva (2010). Singularmente, a leitura de textos literários (objetos de estudo da literatura) possibilita a percepção de um discurso plurissignificativo totalmente imbricado com o contexto social, com a história e os sentimentos de um grupo; portanto, para sua compreensão, é necessário esforço, pensamento crítico e analítico, habilidades que deveriam ser desenvolvidas na escola. Assim, como afirma Luft (2014), ler um texto literário com competência gera competência para ler outros textos, de natureza não-literária, o que indica a relevância de se realizarem boas práticas de leitura da literatura na sala de aula:

No momento em que um leitor estiver apto a compreender plenamente um texto literário, que concretiza os usos mais complexos e mais elaborados da língua, estará, conseqüentemente, pronto para compreender qualquer tipo de texto, já que o texto literário oferece espaço para todas as possibilidades de interpretação que os demais textos podem apresentar (LUFT, 2014, p.113).

Assim, a leitura eficaz e funcional do texto literário torna-se um requisito fundamental para a formação escolar, sendo importante o questionamento quanto ao material e conteúdo que são direcionados a essa prática. Apesar do inquestionável valor do texto literário e da própria Literatura, com a reforma do Ensino Médio, ocorrida em 2000, essa disciplina, nos PCNs, passou a ser considerada apenas um desdobramento da disciplina de Língua Portuguesa, ficando opcional no plano escolar de cada instituição. Nesse contexto, a linguagem literária tornou-se apenas mais uma dentre tantas linguagens a serem estudadas em Língua Portuguesa.

Nessa realidade limitada do ensino de literatura, o professor precisa esforçar-se para contemplar todos os requisitos necessários para uma boa formação discente, além de conviver com diversos elementos que dificultam sua prática. Cabral (2008), recorrendo à citação de Tardif, define esses elementos em:

dois grupos de fatores predominantes e seus limitantes, quais sejam, a transmissão do conteúdo, condicionada pelo tempo, organização, objetivos de aprendizagem, avaliação, entre outros; e a administração das relações interativas de seus alunos, cujas condicionantes referem-se à motivação, gestão de relações, disciplina em sala de aula, entre tantos outros processos subjetivos que subjazem a essa gestão. (CABRAL, 2008, p. 146).

Assim, ao professor da disciplina de literatura, é importante uma formação polivalente, que englobe, além das competências linguísticas, uma cultura ampla e variada, “que lhe permita relacionar-se interdisciplinarmente com outros conteúdos do currículo do ensino médio, além do domínio de novas tecnologias da informação.” (CABRAL, 2008, p.129). Porém, essa não é a realidade existente nas escolas. Segundo Sousa (2006), a ausência de profissionais da educação preparados, com boa formação teórico-metodológica, induz os docentes a buscarem apoio em manuais, repetindo suas orientações, sem expandir suas pesquisas para além do livro didático.

Desse modo, o docente divide a responsabilidade pelo ensino com o livro didático, que muitas vezes “faz do professor um repetidor, que não faz nenhuma reflexão sobre o que está ensinando, apenas transmite, e o aluno, por sua vez, torna-se um executor, que também não reflete sobre o que faz.” (COSTA; SUASSUNA, 2010, p.64). Para que o livro didático como instrumento positivo de apoio na prática docente funcione é importante que o professor seja protagonista em sala de aula, levando outros conteúdos e textos literários que sejam pertinentes para a formação do aluno.

Quando se discutem métodos de ensino de Literatura, o uso do livro didático costuma não ser um consenso. Criado inicialmente pela elite brasileira para perpetuar os textos considerados de boa qualidade, esse material é responsável por colocar o aluno em contato com o texto literário, conteúdos a serem estudados e atividades a serem realizadas, além de guiarem o trabalho docente.

Historicamente, de acordo com Cabral (2008), o livro didático sempre foi um método interessante para exercer influência sobre a comunidade escolar. Para o governo, ele foi uma maneira pacífica de impor suas ideologias. Hoje, o maior dominador é o mercado editorial, que encontra sua forma de induzir as escolhas dos professores, como índices dos livros mais escolhidos dos anos anteriores, capas com dizeres confirmando a base nos Parâmetros Curriculares Nacionais, e apresentações coloridas e

cheias de recursos imagéticos. Pode-se verificar, com esse apurado, que a escolha dos principais livros didáticos é constantemente influenciada por fatores que nem sempre se preocupam com a didática ou método de aprendizagem que o material utiliza. Atualmente, como afirmam Costa e Suassuna (2010), as políticas governamentais se encarregam da compra e distribuição gratuita dos livros didáticos às escolas públicas, porém, sem se preocupar em avaliar sua qualidade, o que é comprovado pela escassez de conteúdos pertinentes para a formação dos alunos. O mesmo se percebe com os livros literários e políticas governamentais para sua distribuição, que, apesar de ocorrer em escala cada vez maior, tem número de leitores reduzido, afirma Lajolo (2012), o que pode sugerir que a escolha dos livros que são fornecidos não atende aos interesses do público leitor.

Assim, é importante investigar os livros didáticos disponibilizados pelo PNLD a fim de verificar as qualidades e deficiências em suas metodologias. A análise realizada na próxima etapa deste trabalho direciona-se às atividades interpretativas existentes nos livros didáticos. Interessa saber se a abordagem e questionamentos existentes são interessantes para a formação de alunos críticos e autônomos, construtores de sentido, leitores por fruição e cidadãos conhecedores de sua própria história social e política.

3. A INTERPRETAÇÃO DO TEXTO LITERÁRIO: UMA ANÁLISE DAS PROPOSIÇÕES DE ATIVIDADES EM LIVROS DIDÁTICOS DO PNLD

As coleções foram analisadas por um roteiro de avaliação do material didático que conta com questões referentes a aspectos formais, contedísticos, quanto à concepção de leitura e de texto literário adotada pelos autores, além de estudo da metodologia e práticas de leitura de literatura utilizadas, formulado para abranger suas atividades e orientações aos docentes, e assim atingir os objetivos do estudo.

A primeira é *Português: contexto, interlocução e sentido*, de autoria de Maria Luiza M. Abaurre, Maria Bernadete M. Abaurre e Marcela Pontara. Publicada pela editora Moderna, a obra analisada é da edição de 2008, está dividida em três volumes e contempla o conteúdo de Literatura, gramática e produção de texto. Mesmo sendo lançada em 2008, é destinada pelo FNDE às escolas para os anos de 2012-2014. A

segunda coleção leva o nome de *Português: língua e cultura*, escrita por Carlos Alberto Faraco e publicada pela editora Base Editorial, é de 2013, e refere-se ao período de 2015- 2017. Essa também se divide em três volumes e abrange os estudos de literatura, gramática além de um grande espaço para o estudo dos gêneros textuais. A terceira, *Novas Palavras*, de Emília Amaral, Mauro Ferreira, Ricardo Leite e Severino Antônio, publicada pela FDT no ano de 2013, direcionada às escolas para o período de 2015-2017. Esta possui três volumes e abrange conteúdos de Literatura, gramática e redação e leitura. São, portanto, coleções que procuram integrar a área relativa à literatura e à língua portuguesa.

Após uma análise global das obras, o estudo deteve-se em um tópico comum para exame crítico: a abordagem do Modernismo na literatura brasileira e as questões propostas para análise e interpretação dos textos. O período escolhido foi o mesmo para as três coleções para possibilitar comparações mais precisas, e optou-se pelo modernista por ser uma escola literária mais diversa, com mais possibilidades de interações.

Tanto na primeira obra quanto na terceira, as primeiras impressões evidenciam a abordagem separatista dos períodos literários, pois cada capítulo refere-se a uma escola da literatura. Na obra de Abaurre (2008), na abertura de cada capítulo, há um Box interessante, nomeado “Primeiras Leituras”, em que há uma obra ou fragmento acompanhado de sugestões de discussões a serem realizadas pelos discentes, como ligações entre costumes atuais e de época, suas preocupações, etc. no capítulo analisado, um conto. Já na coletânea de Faraco (2013), no volume dois, só há um capítulo destinado à literatura, que se refere à história da literatura brasileira do século XX. Nele, sua abordagem abrange apenas textos informativos: descreve os acontecimentos históricos e características. Porém, os capítulos que abordam gêneros literários são ricos em textos de diferentes tendências e autorias, portanto, o capítulo destinado ao gênero lírico também é analisado na pesquisa.

Na obra de Amaral (2013), o capítulo “A primeira geração modernista brasileira” inicia com dois textos que comentam criticamente duas adaptações feitas para o cinema: “Macunaíma” e “O Homem do Pau-Brasil”. Ao invés de textos literários, optou-se por textos críticos sobre essas obras, seguidos de questões sobre eles, após, inicia-se a parte

de contextualização e características do período literário e principais escritores. Um segmento interessante é direcionado para a leitura, que apresenta os textos literários com apontamentos em alguns trechos, com explicações importantes para a compreensão do leitor.

Direcionando-se para as atividades, na obra de Abaurre (2008), verificam-se vários momentos destinados a sua elaboração. São utilizados fragmentos de texto, poemas e relações com imagens, como associar o poema “Brasil”, de Ronald de Carvalho, com o quadro “Cartão-Postal”, de Tarsila do Amaral. Porém se utiliza a leitura apenas para obtenção de conhecimentos e cumprimento de tarefas com exercícios de interpretação e transcrição, e às vezes a observação dos aspectos linguísticos. Uma técnica interessante é que, ao final do capítulo, no *Box* “Jogo de ideias”, é sugerida uma atividade em grupo, para encenação, apresentação e outros, com recomendações para o professor. Essa última configura-se, em certos capítulos, de maneira prazerosa, como nas tarefas teatrais e que envolvam mídias. Como exemplo pode-se citar a criação de perfis em sites de relacionamentos para personagens históricos e a teatralização de contos. Esse tipo de atividade contribui não só para aprofundar discussões sobre a obra e seu contexto, como também para o desenvolvimento do gosto pela leitura e pela própria disciplina, mostrando as várias formas de se trabalhar com o texto, inclusive por meio de atividades do próprio contexto social do jovem, como a internet.

Quanto aos exercícios da segunda coleção, no capítulo referente à literatura, existe uma sugestão para leitura dramática do texto *Morte e vida Severina*, de João Cabral de Melo Neto, porém sem qualquer recomendação didática ou de roteiro para os professores sobre o andamento desse tipo de atividade; e as outras atividades são todas descritivas baseadas no ensaio de Alfredo Bosi intitulado “Cultura brasileira e culturas brasileiras”, que por ser um texto complexo, pode dificultar a compreensão do aluno e não ser positivo para a leitura por fruição. Já no capítulo destinado ao gênero lírico, vários exemplos são dados, a variedade de autores, períodos e estilos não só é valorizada como também é objeto de discussão nas atividades. Por exemplo, a “Canção do exílio” e suas paródias, o poema de Camões e um trecho da Bíblia Sagrada relacionados com a música “Monte Castelo”, de Renato Russo. Essa intertextualidade é bastante positiva, pois a diversificação favorece o contato do aluno com diferentes contextos textuais,

segundo Silva e Fritzen (2012), o trabalho com diferentes tipos de códigos e suportes devem ser tratados no ambiente escolar para democratizar o acesso a bens culturais e sociais variados. Apesar das atividades abordarem aspectos importantes para o ensino de literatura, existe poucas atividades, o que pode dificultar a assimilação do conteúdo pelos alunos.

Na terceira coleção analisada, os exercícios também existem em toda a extensão do capítulo. A quantidade de exercícios é grande, e existem várias atividades de interpretação e relação intertextual, como comparar *Macunaíma* com *Iracema*, ou fragmento de análise de Antônio Cândido. No tópico “E mais...”, apresentam-se atividades para complementação, no capítulo estudado, uma atividade de pesquisa intertextual de samba enredo e filme *Macunaíma*, seguido de questões para discussão em grupo. Notou-se a grande quantidade de fragmentos e atividades relacionadas a um único texto, a obra de Mário de Andrade, *Macunaíma: o herói sem nenhum caráter*, enquanto poderiam ser abordados diferentes textos.

Ainda referente às atividades, as questões de vestibular, que, segundo Costa e Suassuna (2010), são o motivo de muitos alunos se interessarem pela literatura, aparecem apenas nas coletâneas de Abaurre Amaral. Na segunda coleção, de Faraco (2013) existem exercícios de vestibulares direcionados somente para o conteúdo gramatical, o que pode ser relacionado com a preocupação do autor em não apresentar a literatura de maneira técnica, prejudicando o prazer literário.

Verificaram-se também as atividades de leitura. Na coleção de Abaurre (2008), os métodos de ensino de leitura de literatura são básicos, os textos geralmente vêm com questionamentos que facilitam a compreensão, e relacionam a contextos. Porém, a análise sempre privilegia o sentido do texto, como o que tais palavras querem dizer ou a quem tal expressão se refere. Ocorre justamente o que é confirmado por Luft (2014):

As análises que exploram os textos não conduzem à análise de recursos de expressão e do uso estético da linguagem. Centram-se nos conteúdos, e não na recreação que deles faz a literatura. Priorizam as informações veiculadas pelos textos, e não o modo literário a partir do qual eles são estruturados. Nessa perspectiva, as atividades propostas mostram-se insuficientes para a formação de leitores de literatura (LUFT, 2014, p. 239).

O texto é entendido como algo a ser fragmentado e decifrado, e tal abordagem, principalmente em textos líricos, pode não ser positiva quando se objetiva uma formação de leitores por fruição.

Na segunda obra, *Português: língua e cultura*, nota-se que há uma preocupação maior com a leitura por fruição. A maioria os textos vem com apontamentos importantes para a compreensão, mas nem todos possuem um roteiro de questões para serem respondidas. Também há um Box chamado “Leitura Lúdica”, que aborda leituras diferentes, como o caso do haicai, que não é costumeiramente apresentado no ensino de literatura. Na terceira coleção, *Novas Palavras*, há uma preocupação com a compreensão do texto literário. Além de apontamentos referentes ao autor, vocabulário e contexto, também existem leituras guiadas, em que são feitas enumerações em alguns pontos do texto, com explicações pertinentes para contextualização e interpretação.

Em outros capítulos, verificou-se esse “guia de leitura” em pinturas também, o que é bastante positivo, já que de acordo com Oliveira (2014, p.20), podem-se tomar como texto tanto as obras literárias como as artes plásticas, já que uma imagem, mesmo estática, tem condições de fazer parte de uma narrativa, de contar uma história. Ambas também são manifestações da emoção humana, e ter apontamentos pertinentes sobre a obra plástica é colaborar na compreensão de seus aspectos e do próprio contexto de produção, além das possíveis relações com as obras escritas.

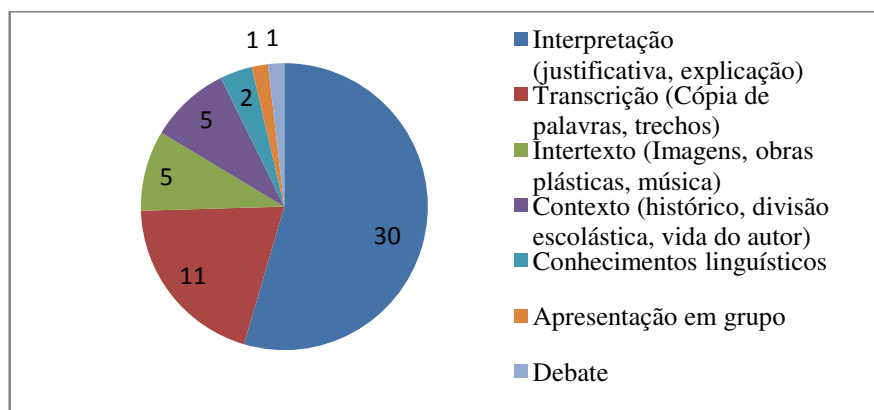
No que se refere a atividades de leituras de outras artes, na primeira obra, durante todo o capítulo a leitura de obras de arte, fotos e letras de música é bem explorada, com questões para discussão oral relacionando os diferentes elementos. Porém, esse roteiro de questionamentos limita-se a questões que progressivamente integram o aluno ao conteúdo a ser estudado.

A coleção de Faraco (2013) quase não explora os recursos além da linguagem escrita, as poucas imagens utilizadas vêm para decoração dos textos, não há questionamentos ou discussões que possam levar o aluno a refletir sobre os contextos estudados, significados dos textos literários, etc. Os únicos intertextos realizados ocorrem com músicas. Ambas as obras apresentam sugestões de filmes e sites relacionados com o assunto, porém nenhuma dá ao professor um guia ou suporte para atividades, nem formas de construir relações com o conteúdo estudado.

Na terceira coletânea, de Amaral (2013), além da observação de pinturas e desenhos, com apontamentos interessantes para verificar os aspectos de cada obra, o Box “Navegar é preciso” traz sugestões de filmes e da série de TV adolescente Tudo que é sólido pode derreter”, porém, novamente, sem qualquer roteiro com atividades e questionamentos.

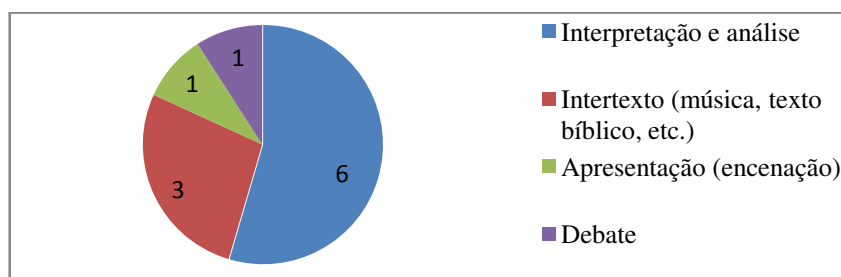
Tomando por base esses resultados, foi interessante a elaboração de gráficos que sintetizam os tipos de questões apresentados nas coleções examinadas, avaliando-se apenas os capítulos que foram escolhidos e analisados, a saber, a seção sobre a literatura brasileira na primeira metade do século XX no Brasil.

FIGURA 1 - Relação de atividades no livro Didático de Abaurre (2008)



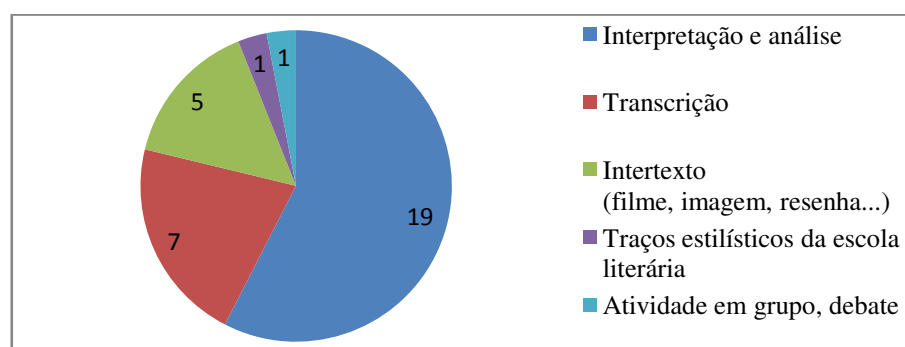
Fonte: Elaborado pelas autoras

FIGURA 2 - Relação de atividades no Livro didático de Faraco (2013)



Fonte: Elaborado pelas autoras.

FIGURA 3 - Relação de atividades do livro didático de Amaral (2013)



Fonte: Elaborado pelas autoras.

Pôde-se verificar, através das informações registradas nos gráficos, a predominância de exercícios de interpretação e análise, atividades que constam nos objetivos dos PCNs para a disciplina: “Analisar, interpretar e aplicar recursos expressivos da linguagem, relacionando textos com seus contextos mediante a natureza, função, organização, estrutura das manifestações , de acordo com as condições de produção/recepção.” (2000, p. 14). Isso pode ocorrer devido à variedade de questões que precisam que se estabeleçam relações para serem realizadas, como as que retiram informações do texto e ajudam na compreensão e sentido do texto, mas que por outro lado, ignoram a beleza estética da obra.

No primeiro gráfico, percebe-se a grande quantidade de exercícios em relação aos demais, sendo justificada pela abrangência e detalhismo do capítulo. Outros dados observados nos três são a pequena quantidade de atividades referentes aos conhecimentos linguísticos, o que é muito positivo, já que estudos realizados por

Assunção, citada por Fritzen (1998) garantem que analisar o texto em seu aspecto linguístico e estrutural foi uma tendência durante muito tempo. A utilização de intertextos, que de acordo com os PCNs são importantes para o aluno conhecer e saber lidar com os múltiplos códigos de linguagem também aparece em todos os livros, o que pode demonstrar avanços na metodologia utilizada pelos materiais.

Nas três obras houve propostas de atividades de socialização, como debate e apresentação. Esse tipo de situação é muito importante para a construção de alunos cidadãos, ativos, com voz, que também está nos objetivos da disciplina. São poucas, mas se espera que essas práticas sejam cada vez mais adotadas no contexto escolar, considerando sua relevância. Como afirma Cabral (2008):

um exercício de interpretação, por mais rico e abrangente que seja, refere-se a uma ação solitária do leitor sobre o texto lido, de modo a retirar dele as informações necessárias que atestarão sua habilidade em encontrar sentido para as palavras ou revelar intenção do autor, de acordo com o que for proposto pelo elaborador do exercício. Ganha-se em destreza, mas perde-se um pouco nesse processo, tendo em vista a diversidade de ideias que uma discussão pode oferecer. [...] Ambas têm relevância e um professor experiente usa seu saber para desenvolvê-las e aplicá-las em momentos oportunos (CABRAL, 2008, p. 133).

Assim, apesar dos exercícios de atividades interpretativas serem importantes para a construção de sentido, propostas de socialização, debate e confronto de ideias são oportunos. Isso é confirmado nos PCNs (2000), em que se garante que a exposição de opiniões divergentes facilitam a construção de pontos de vista mais articulados e organizados, sem a imposição de uma única resposta.

Tratando-se das orientações metodológicas direcionadas aos professores, na primeira coletânea, ao final do livro didático do professor, há um capítulo chamado Guia de Recursos, em que o docente recebe orientações sobre incentivo da leitura, a metodologia do material, andamento de atividades e textos de apoio à prática, além das respostas das atividades. Nesse sentido, o manual didático trabalha com o professor como um mediador e condutor nas construções dos seus alunos, possibilitando que o próprio docente guie sua aula. Outro aspecto interessante é que no decorrer dos capítulos, existem várias observações em fonte vermelha e menor, orientando o docente

a esclarecer certos aspectos aos alunos, chamar a atenção para outros, ou mesmo apresentar outros elementos interessantes para a construção.

As orientações pedagógicas, no livro de Carlos Alberto Faraco(2013), também acontecem no final do material. O autor inicia abordando conceitos de língua, leitura, escrita, oralidade e reflexões referentes, além de orientar quanto à organização da coleção, a metodologia utilizada e dar as respostas das atividades. No que se refere ao ensino Literatura, aponta sua preocupação em não trazer conteúdos muito técnicos, optando sempre pela prática. Também procura não detalhar minimamente cada período literário, mas trazer um resumo geral para compreensão de tais.

Já na obra de Emília Amaral (2013), ao final do livro, há a sessão “Conversa com o professor”, que apresenta a estrutura geral da coleção seguido de apresentação da metodologia da coleção e embasamento teórico, que evidencia a preocupação com a leitura do texto literário, e não com a história literária. Os autores trazem, então, procedimentos a serem realizados antes, durante e após a leitura para uma abordagem interessante para o aluno. Esse procedimento a ser adotado na leitura, é abordado no livro *Estratégias de leitura*, de Isabel Solé (1998). Segundo a autora, utilizar essas estratégias permite que o aluno compreenda o texto e seu entorno, realizando uma leitura mais autônoma. Como estratégias antes da leitura, pode-se citar ativar conhecimentos prévios, traçar objetivos para a leitura e promover perguntas; durante o texto, como formular previsões e verificá-las no decorrer do texto e sanar lacunas na compreensão; e depois do texto, como elaborar conclusões, resumo e definir ideias principais.

Mais adiante, no mesmo livro, junto à correção dos exercícios, são citados os objetivos para cada atividade e leitura realizada, além de sugestões de como dirigir a aula. Essa abordagem é muito interessante, pois pode guiar o professor quanto aos resultados esperados nas atividades e habilidades que serão desenvolvidas pelos alunos, dando dicas para o andamento da aula.

A análise dos livros didáticos levou a conclusões pertinentes sobre o ensino de literatura no Ensino Médio, e possibilitou verificar-se que ainda existem aspectos a serem modificados e aprimorados em todos os livros analisados, e isso reflete a

necessidade de se trabalhar e investigar ainda mais essa disciplina tão importante e tão menosprezada no currículo do Ensino Médio.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Baseando-se nos textos científicos escolhidos para essa pesquisa, observou-se a decorrência das seguintes avaliações quanto à abordagem utilizada pelos manuais: a) homogeneização do conhecimento, apresentando uma visão simplificada do saber e disseminando a visão ilusória de um mundo sem dualidades ou contradições; b) Perda da autonomia do professor, que para o livro didático é um mero transmissor de conteúdo; c) pouca quantidade de textos literários e abordagem fragmentada _ geralmente trechos de romances; d) Ênfase ao ensino da história da literatura em detrimento da leitura de obras; e) O texto é tratado como objeto a ser analisado linguística e estruturalmente, dissociado de sua qualidade artística; f) Interpretação de obra direcionada, eliminando possibilidades de subjetividade e plurissignificação.

Com a análise dos livros didáticos pesquisados, pode-se verificar que apesar de ocorrerem avanços na metodologia utilizada, principalmente com o espaço para alunos debaterem e assim construírem opiniões críticas, e intertextos que são interessantes para a compreensão de diferentes usos da linguagem, ainda existem barreiras a serem quebradas. O ensino continua dividido em escolas literárias, os textos ainda estão, em sua maioria, fragmentados e a leitura do texto literário continua não sendo uma prioridade.

Frente a tais resultados, é importante que o ensino de literatura seja pensado ainda no Ensino Fundamental, com um incentivo maior para a leitura, pois o aluno deve compreender o texto para depois reconhecê-lo como obra artística, a ser pensada e criticada no Ensino Médio. A literatura é uma disciplina de destaque para a formação de um sujeito, já que acima de tudo, é um retrato da sociedade, sentimentos e denúncias, e é esse o pensamento que o professor deve mediar aos alunos, a verem além do escrito. Para que isso aconteça, é preciso muito exercício crítico e atividades, além de contar com um material didático que seja um apoio e não a única ferramenta para a prática docente com vistas à formação do leitor de literatura

REFERÊNCIAS

ABAURRE, Maria Luiza M.; ABAURRE, Maria Bernadete M.; PONTARA, Marcela. **Português: contexto, interlocução e sentido**. São Paulo: Moderna, 2008.

AMARAL, Emília; FERREIRA, Mauro; LEITE, Ricardo; ANTÔNIO, Severino. **Novas palavras**. 2. ed. São Paulo: FTD, 2013.

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Linguagens, Códigos e suas Tecnologias**. Brasília: MEC, 2000.

CABRAL, Ana Beatriz. **O texto, o contexto e o pretexto: Ensino de Literatura, após a reforma do Ensino Médio**. 2008. 244 f. Tese (Doutorado em Educação)- Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2008.

COSTA, Amanda Silva Falcão da; SUASSUNA, Livia. Livro didático de Literatura no Ensino Médio e texto literário. **Interdisciplinar**, Sergipe, v.12, p.63-75, jul.-dez. 2010.

FARACO, Carlos Alberto. **Português: língua e cultura**. 3. ed. Curitiba: Base Editorial, 2013.

LAJOLO, Marisa. Livros, leitura e literatura em oito anotações. In: FAILLA, Zoara. (Org.). **Retratos da leitura no Brasil 3**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Instituto Pró-Livro, 2012. p. 163-181.

LUFT, Gabriela Fernanda Cé. **Retrato de uma disciplina ameaçada: A Literatura nos documentos oficiais e no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM)**. 2014. 301 f. Tese (Doutorado em Literatura Brasileira)- Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

OLIVEIRA, Larissa. A imagem e a letra: ensaio sobre literatura e artes plásticas. **Entreletras**, Araguaína, v. 5, n.1, p. 18/31, jan./jul. 2014.

SILVA, Danielle Amanda Raimundo; FRITZEN, Celdon. Ensino de Literatura e livro didático: uma abordagem a partir das pesquisas na pós-graduação brasileira. **Contrapontos**, Florianópolis, v. 12, n. 3, p. 270-278, set.-dez. 2012.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

SOUSA, Ana Claudia. **A formação de professores-leitores: as marcas de um caminho e suas relações com uma educação para leitura**. 2006. 108 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2006.

Artigo aceito em jun./2015